

**“UBUNTU”: CONHECIMENTO EM RODAS E LETRAMENTO RACIAL DE UMA
INSTITUIÇÃO ESPECIALIZADA EM DEFICIÊNCIA ESPECIAL**

**“UBUNTU”: KNOWLEDGE IN WHEEL AND RACIAL LITERACY OF AN
INSTITUTION SPECIALIZED IN SPECIAL DISABILITIES**

**“UBUNTU”: CONOCIMIENTOS SOBRE RUEDAS Y ALFABETIZACIÓN RACIAL
DE UNA INSTITUCIÓN ESPECIALIZADA EN DISCAPACIDADES ESPECIALES**

SANTOS, Mariana dos Reis¹

Resumo

Este artigo elucida relatos de experiências pedagógicas, buscando evidenciar duas metodologias em formato de roda numa instituição especializada em deficiência visual. Tais espaços procuraram propiciar a abertura de assuntos relacionadas a temática de relações étnico raciais de cunho relevante como: “racismo estrutural”, “escravidão no Brasil” e “cultura-afro-brasileira”, até então pouco enfatizado na instituição em questão. O aporte teórico utilizado pela pesquisa para contextualizar a importância da construção de um letramento racial num espaço de Educação Especial foi: Nogueira (2012), Pinheiro(2023) e Sousa(1983).No assunto relativo à importância do samba enredo como ferramenta pedagógica na escola pública, destaca-se o pensamento de Cattani (2006), Diniz (2008) e Farias (2002). O estudo analisou de que forma as rodas contribuem para o letramento racial da comunidade escolar de uma instituição especializada em deficiência visual. Observamos na seção sobre a roda de conversa, entusiasmo pedagógico na participação dos alunos diante dos debates promovidos neste espaço. No entanto, houve um silenciamento do grupo ao se abordar temas mais sensíveis como autoidentificação racial ou racismo cotidiano. Na seção referente ao projeto de roda de samba pedagógica, verificou-se uma maior integração do coletivo de estudantes no projeto. O estudo sinaliza a relevância da utilização do “samba enredo” como elemento pedagógico fundamental para o processo de ensino-aprendizagem e afirmação da cultura afro-brasileira no espaço escolar. Em suma, este trabalho constatou a necessidade se construir metodologias mais abertas, propiciando um espaço de letramento racial agregador na Educação Especial.

1 Instituto Benjamin Constant – IBC. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-2362-7191>. e-mail: marianasantos@ibc.gov.br

Palavras chave: deficiência visual, roda de conversa, roda de samba, Educação Especial

Abstract

This article elucidates reports of pedagogical experiences, seeking to highlight two methodologies in a circle format an institution specialized in visual impairment. These spaces sought to facilitate the opening of subjects related to the theme of relevant ethnic racial relations such as “structural racism”, “slavery in Brazil” and “Afro Brazilian culture”, until then little emphasized in the institution in question. The theoretical support used by research to contextualize the importance of building racial literacy in a Special Education space was: Nogueira(2012), Pinheiro(2023) and Sousa(1983). On the subject related to the importance of samba enredo as a pedagogical tool in public schools, the thinking of Cattani(2006), Diniz(2008) and Farias (2002) stands out. The study analyzed how the circle contribute to the racial literacy of the school community of an institution specialized in visual impairment. We observed in the section on the conversation circle, pedagogical enthusiasm in the participation of students in the debates promoted in this space. However, there was a silence of the group when addressing more sensitive topics such as racial self identification or racism daily life. In the section related to the pedagogical samba circle project, a greater integration of the student group in the project was observed. The study highlights the relevance of using the “samba enredo” as a fundamental pedagogical element for the teaching learning process and affirmation of Afro Brazilian culture in the school environment. In short, this work found the need to build more open methodologies, providing a space for racial literacy that bring together people in Special Education.

Keywords: visual impairment; conversation circle; samba circle, Special Education.

Resumen

Este artículo dilucida relatos de experiencias pedagógicas, buscando destacar dos metodologías en formato de círculo en una institución especializada en discapacidad visual. Estos espacios buscaron propiciar la apertura de temas relacionados con la temática de las relaciones étnico-raciales relevantes como: “racismo estructural”, “esclavitud en Brasil” y “cultura afrobrasileña”, hasta entonces poco enfatizadas en la institución en cuestión. El aporte teórico utilizado por la investigación para contextualizar la importancia de la construcción de la alfabetización racial en un espacio de Educación Especial fue: Nogueira (2012), Pinheiro (2023) y Sousa (1983). Sobre el tema relacionado a la importancia del enredo de samba como herramienta pedagógica en las escuelas públicas, se destaca el pensamiento de Cattani (2006), Diniz (2008) y Farias (2002). El estudio analizó cómo los círculos contribuyen a la alfabetización racial de la comunidad escolar de una

instituição especializada em discapacidad visual. En el apartado del círculo de conversación, observamos el entusiasmo pedagógico en la participación de los estudiantes en los debates promovidos en este espacio. Sin embargo, el grupo fue silenciado al abordar temas más sensibles como la autoidentificación racial o el racismo cotidiano. En el apartado referente al proyecto de círculo de samba pedagógico, hubo una mayor integración del grupo estudiantil en el proyecto. El estudio destaca la relevancia de la utilización del “samba enredo” como elemento pedagógico fundamental para el proceso de enseñanza-aprendizaje y afirmación de la cultura afrobrasileña en el ámbito escolar. En resumen, este trabajo encontró la necesidad de construir metodologías más abiertas, brindando un espacio para agregar la alfabetización racial en Educación Especial.

Palabras-clave: discapacidad visual, círculo de conversación, círculo de samba, educación especial

Introdução

Este artigo pretende apresentar um relato de experiência da pesquisadora sobre vivências pedagógicas de estudantes cegos e com baixa visão numa instituição para estudantes de deficiência² visual. A pesquisadora e professora ministrava aulas no quinto ano do primeiro segmento no ano de 2018. O estudo elucida práticas pedagógicas desenvolvidas neste instituto especializado, a partir de uma perspectiva curricular direcionada à educação em direitos humanos e formação de letramento racial³ em sala, considerando a inserção de outras formas de aprender e ensinar.

O Instituto Benjamin Constant⁴ é hoje uma instituição federal pública de referência nacional na educação e capacitação profissional de pessoas cegas⁵, com baixa visão, surdocegas e com

2 Conforme o texto do artigo 2º da Lei de inclusão de 2015, consideram-se pessoas com deficiência “aquelas que possuem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, em interação com diversas barreiras ambientais, podendo assim obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

3 Ferreira(2014. p.250) apud Skerret(2011, p314) define o letramento como uma forma de compreensão poderosa e complexa de se pensar como a raça influencia nas experiências sociais, políticas e educacionais dos indivíduos e dos grupos(2011, p. 314)

4 <https://www.gov.br/ibc/pt-br>. Acesso em 5 de março de 2025

5 De acordo com a Secretaria de Educação Inclusiva do Ministério de Educação (BRASIL, 2006, p.13-14), educandos cegos e de baixa visão são definidos como deficientes visuais, ou seja, não possuem visão suficiente para aprender a ler e escrever em tinta. Estes necessitam, portanto, utilizar outros sentidos (tátil, auditivo, olfativo, gustativo e cinestésico) no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Sendo assim, o acesso a leitura destes indivíduos em fase de escolarização se estabelecerá pela utilização do código braille diante dos educandos que possuem perda total da visão. Há também os educandos deficientes visuais que têm apenas percepção de luz, podendo alguns perceberem claro, escuro e delinear algumas formas, chamados de baixa visão.

outras deficiências associadas à deficiência visual. A instituição constituiu-se como um centro de referência nacional na área⁶, capacitando profissionais e assessorando instituições públicas e privadas no atendimento às necessidades desta comunidade. Há também um setor de reabilitação destinado a pessoas que perderam ou estão em processo de perda de visão.

A instituição educacional especializada em deficiência visual em tela embora se localize na Urca, um espaço geográfico privilegiado da cidade, atende um alunado de raça/etnia predominantemente negra⁷ residente, em sua maioria, nas zonas periféricas da cidade e zonas metropolitanas do Estado. Além disso, o perfil de responsáveis femininas pelos estudantes que chefiavam os lares de maneira solo é significativo.

Com relação à escolarização dos estudantes com deficiência visual, observou-se em grande parte da postura pedagógica do corpo docente, um desconhecimento sobre temáticas relativas às relações étnico raciais e sua relevância num contexto escolar de Educação Especial.

Nas mediações pedagógicas em sala de aula com estudantes desta turma do quinto ano, percebeu-se inicialmente um desconhecimento por parte de alguns estudantes com deficiência visual ao abordar questões relativas a temáticas em direitos humanos, em específico envolvendo “racismo estrutural”, “escavidão no Brasil” e “cultura afro-brasileira”. Além desta ausência do debate envolvendo esses assuntos pedagógicos, percebeu-se um certo desconforto nos assuntos envolvendo autodeclaração étnico-racial ou corporeidade individual.

Por isso, este estudo aponta como questão norteadora deste relato-experiência: “Como aulas em formatos de “roda” podem contribuir para o letramento racial de uma instituição especializada em deficiência visual?”

Neste sentido, os objetivos da pesquisa se organizam em: a) Elucidar metodologias pedagógicas em formato de roda que abordem a temática de Relações étnico raciais em sala de

6 Com o passar do tempo, o IBC tornou-se um centro de pesquisas médicas no campo da oftalmologia, possuindo programas de residência médica renomados no Brasil todo. O programa presta serviço gratuito a população, realizando consultas, exames e cirurgias oftalmológicas. A instituição também é comprometida com a produção de materiais especializados, possui uma imprensa braille, edita e imprime livros e revista de pessoas cegas e baixa visão, além de contar com um farto acervo eletrônico de publicações científicas. Em 2018, após aprovação em portaria nº 310, o Instituto passou a contar com um departamento de Pós Graduação, Pesquisa e Extensão (DPPE), que possibilitou à instituição o planejamento de cursos de pós graduação lato sensu e strictu sensu na área. As atividades vinculadas ao Programa de Pós Graduação em Ensino na Temática de Deficiência Visual (MPEV) são oferecidas na modalidade presencial e contemplam estudos e práticas pedagógicas para a formação profissional e acadêmica em educação especial, com ênfase na educação inclusiva.

7 Conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), população negra corresponde ao somatório de pessoas pardas e pretas que constituem o território nacional brasileiro.

aula b) Sinalizar os desafios pedagógicos de professores pertencentes à Educação Especial frente à necessidade da construção de um letramento racial em sala de aula. c) Analisar de que forma a temática de relações étnico raciais contribui para uma formação antirracista numa instituição especializada.

O estudo interpreta a organização de metodologias em roda na sala de aula como espaço dialógico, além de propiciar maior convívio em comunidade em um ambiente escolar, assim como a filosofia “Ubuntu”. Segundo Cunha Junior (2010), a constituição desta filosofia se estabelece pela existência de outras existências. Neste sentido, o conceito de humanidade e relações de solidariedade fortalece este pensamento no coletivo.

Breves considerações da Educação Especial no Brasil e metodologias abertas: a roda de conversa como ferramenta dialógica na sala de aula.

Conforme os marcos históricos do documento da “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva” (2008), a escola se caracterizou primeiramente a partir de uma visão de educação que delimitava a escolarização como privilégio de um grupo, excluindo indivíduos fora do padrão normativo e mesmo diante dos processos de democratização e universalização da educação básica, evidenciou-se a exclusão de grupos considerados fora dos padrões na escola.

A Educação Especial surge no Brasil a partir do acordo MEC Usaid durante o regime militar (Kassar, Rebelo e Januzzi 2019 apud Pletsch (2020, p.60)). Sendo assim, a educação brasileira da década de 70 inspirada neste acordo assumia um caráter tecnicista e voltado para instrumentos de testagens quantitativas no processo de ensino aprendizagem. Esta forma de organização educacional muitas vezes calcava-se no conceito de normalidade/ anormalidade compreendidos por uma visão médica fortemente marcada pelos testes psicométricos ou atendimentos clínico terapêuticos neste período.

O atendimento às pessoas com deficiência passa a se fundamentar pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4026/61) que aponta o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente no sistema geral de ensino. Logo depois, a redação do texto da Lei 5692/71 amplia a oferta do atendimento para outros estudantes com “deficiências físicas, mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados”. Ainda assim, em tempos atuais, não se promoveu de maneira efetiva a organização de um sistema de ensino capaz de atender as especificidades destes estudantes com deficiência.

Neste sentido, é possível observar que desde as primeiras legislações na década de 70 inseriu-se primeiras diretrizes voltadas para o atendimento da pessoa com deficiência como

direcionamento pedagógico a ser seguido pelas escolas públicas. Pletsch (2020, p.62) fundamenta em seus estudos que a “Política Inclusiva voltada para a Educação Especial” hoje no Brasil objetiva assegurar a modalidade de Educação Especial nas instituições públicas através do AEE (Atendimento Educacional Especializado), ou seja, atendimento em sala de recursos multifuncionais oferecido no contraturno das aulas regulares.

No entanto, o que se evidencia nos governos vigentes da contemporaneidade é a falta de comprometimento no direcionamento das políticas públicas voltadas para a oferta de salas de recursos multifuncionais e mediação pedagógica especializada ou até mesmo descaso com os princípios que regem os direitos da pessoa com deficiência.

Partindo desta premissa de se compreender no espaço escolar, os princípios da dignidade humana, este estudo procurou incutir um currículo de uma escola de ensino especializado voltado para a temática dos direitos humanos, frente à invisibilidade das questões étnico raciais brasileiras, construindo a metodologia de rodas de conversas temáticas.

A metodologia deste projeto baseou-se primeiramente no estudo das temáticas “Direitos Humanos” e “Relações Étnico raciais” em sala de aula na disciplina de História a partir da vivência em sala de aula de uma professora desta instituição especializada. Aos poucos, a recorrência dos assuntos levantados em sala evidenciou a necessidade do desdobramento de uma prática pedagógica mais aberta que mobilizasse os alunos na formação de consciência crítica, originando-se assim as rodas de conversa.

A roda de conversa como elemento de construção do letramento racial na escola pública

O formato da roda de conversa propiciou a adesão de uma prática pedagógica dialógica estimulando nos estudantes cegos e de baixa visão, os processos de instauração de sentidos e estratégia de organização de discursos. Neste ambiente, também se estabeleceu a capacidade de formação do pensamento crítico, desconstruindo “verdades absolutas” de conceitos ou padrões da sociedade contemporânea.

Reunir em roda é poder romper com a lógica padronizada, eurocêntrica e cartesiana da instituição escolar. A filosofia africana “Ubuntu” utiliza a ideia da organização das rodas, remetendo a ideia da coletividade através da construção do “nós”. Assim, Nogueira (2012) ressalta em seus estudos que o termo “Ubuntu” pode ser entendido como uma ética comum entre todos, propiciando um ritmo harmonioso na busca do reconhecimento e valorização do território.

A temática trabalhada na roda de conversa a ser abordada nesta seção teve momentos anteriores de abordagem pedagógica em sala de aula diante de um momento de “chuva de ideias” para a construção desta metodologia. A turma em questão se tratava de um quinto ano do Primeiro Segmento com a presença de 12 estudantes como já elucidado inicialmente, sendo 6 meninos e 6 meninas (o quantitativo de alunos em uma sala desta instituição especializada é reduzido em função do atendimento às especificidades dos estudantes com deficiência visual). Este grupo mesclava-se entre alunos baixa visão e cegos.

Portanto, este diálogo em roda pode vir a ser o alicerce para as relações humanistas e cidadãs na sala de aula, bem como a construção de uma escola democrática. Através deste ambiente seguro, é possível quebrar as práticas de silenciamento de tolher a fala, os atos pedagógicos estritamente verticais, exercitando os atos de discurso e escuta entre os atores deste espaço.

Procurou-se registrar na época as atividades realizadas na rede social Facebook de todas as “rodas de conversa” para destinar visibilidade à atividade não só no conjunto de profissionais que ali trabalham como também incentivar a comunidade acadêmica do espaço (gestão, professores e técnicos administrativos) e outros profissionais a utilizarem essa importante ferramenta de comunicação no cotidiano escolar.

Este momento de roda de conversa visibilizado no estudo desta seção versa especificamente sobre a temática⁸: “Racismo e escravidão”. Levando em consideração que esta atividade foi construída através do grau de interesse apresentado pelos estudantes em sala de aula e a construção da oralidade dos mesmos no momento anterior e posterior às atividades. Como já dito no momento inicial, o alunado corresponde em sua maioria à etnia/ raça e negra, sendo oriundos de famílias chefiadas majoritariamente por mulheres (uma realidade brasileira latente da maior parte da classe trabalhadora).

Esse momento da “roda de conversa” em sala de aula foi posteriormente sistematizado em postagens do Facebook como visualizado abaixo:

Tema de roda de conversa: “Racismo e escravidão”

8 Outras temáticas foram abordadas em sala de aula através das rodas de conversa tais como: “Gênero e sexualidade”, “A mulher negra na sociedade”, “A importância da música na vida das pessoas” e “O cotidiano de pessoas com deficiência visual”. Os/As convidados/as eram geralmente profissionais de Educação da instituição ou pessoas oriundas de movimentos sociais.

Figura 1: Registro da atividade pedagógica na conta de Facebook da professora pesquisadora.



Fonte: Arquivo pessoal da professora pesquisadora

Quadro 1 – Adaptação da transcrição do registro no Facebook da roda de conversa “Escravidão e racismo”

Hoje recebemos o amigo e coordenador da equipe de História do XXXXXXXXXX, na nossa roda. Aprofundamos o conteúdo aprendido em sala de aula sobre escravidão e problematizamos as questões referentes às desigualdades que os negros sofrem no nosso país e diversas formas de discriminação. O que nós já sabemos sobre escravidão? Como e em que condições os negros vieram para o Brasil? Como eles eram tratados? Que heranças culturais carregamos nos nossos costumes? Como os livros didáticos visibilizam os negros? E a mídia? Por que, quando falamos das religiões de matriz africana, temos preconceito? Quais as moradias da maior parte da população negra no Brasil? Que profissão agrega costumes escravocratas no nosso país? Onde nós guardamos nosso racismo? Por que, mesmo sendo negro, nós praticamos racismo? Nós já sofremos racismo? Por que nos incomoda tanto falar sobre racismo?

Os principais questionamentos levantados no debate foram: *O que nós já sabemos sobre escravidão? Como e em que condições os negros vieram para o Brasil? Como eles eram tratados? Que heranças*

culturais carregamos nos nossos costumes? Como os livros didáticos visibilizam os negros? E a mídia? Por que, quando falamos das religiões de matriz africana, temos preconceito? Quais as moradias da maior parte da população negra no Brasil? Que profissão agrega costumes escravocratas no nosso país? Onde nós guardamos nosso racismo?

Notadamente os estudantes apresentaram menos elementos de análise ou intervenção no que tange à assuntos relativos ao racismo estrutural e ao processo escravocrata no período de colonização brasileira. O professor Leonel apresentou uma fala de cerca de 25 minutos percorrendo sobre o sistema de relações produtivas do modelo da colonização que alijou, desumanizou e exterminou corpos negros durante pelo menos 300 anos.

Leonel⁹, ao abordar sobre costumes e religiões de matrizes africanas, ouviu alguns estudantes atribuírem o nome “macumba” a estas crenças e explicou na roda aos mesmos o fato deste termo ser pejorativo e estar arraigado de marginalização das religiões de matrizes africanas. Na pergunta envolvendo o papel da mídia no debate da negritude, parte dos estudantes atribuíram o fato deste veículo incentivar a criminalização do funk e dos espaços de favelas ao caracterizá-los como moradia de “bandido” e não como áreas de lazer e pertencimento do povo preto. Alguns mencionaram a existência de programas policiais na TV, que incitam a violência policial na favela e a perseguição aos jovens negros na sociedade.

Em um dos atravessamentos destas questões propostas ao debate desta roda de conversa, introduziu-se o assunto relacionado à autodeclaração e construção de identidade negra individual. Neste momento, pairou um silêncio coletivo na discussão, até mesmo por parte de estudantes com fenótipos negroides muito demarcados e tons de pele mais retintos. Tais questões podem estar relacionadas ao fato das intersecções “deficiência” e “etnia/raça” serem elementos de complexidades conflituosas na formação de personalidade destes estudantes durante a fase da pré-adolescência.

Pinheiro (2023. p.81) em sua recente obra intitulada “Como ser um educador antirracista?” sinaliza que o processo cognitivo de aprendizagem e construção do “fazer científico” negro às vezes “dói” tanto para adultos quanto para crianças negras, pois quando esses atores se apropriam da reestruturação da ideologia racista, há conseqüentemente, uma apreensão psíquica dolorosa.

Já Souza (1983) ainda ressalta que a negação das pessoas negras à sua autodeclaração está atrelada à falta de reconhecimento da cultura afro-brasileira ou negatização da identidade negra no Brasil. Sendo assim, muitas inquietações e reflexões sobre as práticas docentes destes pesquisadores vieram à tona nesta experiência metodológica.

9 Nome do professor modificado, seguindo as normas da pesquisa brasileira.

A roda de samba pedagógica na instituição especializada em deficiência visual

No segundo semestre do ano de 2018, constituiu-se um projeto pedagógico formulado pela professora pesquisadora intitulado “Roda de samba pedagógica”. Esta culminância pedagógica se desdobrou em um grande evento nesta instituição escolar, a partir do programa curricular da disciplina de História abordando pedagogicamente letras de samba em sala de aula. Os estudantes assimilavam e debatiam as temáticas desenvolvidas em sala de aula versando sobre o conteúdo de relações étnico-raciais através da apresentação destas canções trabalhadas ao longo do semestre. Assim, alguns sambas enredos escolhidos foram utilizados como elementos metodológicos e avaliativos para a abordagem do conteúdo curricular da ementa da disciplina.

Na obra “Para tudo não se acabar na quarta feira: a linguagem dos sambas enredos(2002)”, Farias explica que expressões linguísticas e poéticas conseguem cristalizar memórias históricos culturais de uma sociedade. Portanto o samba enredo se configura numa importante fonte de debates e de saber, podendo se levantar assim, problematizações em sala de aula. Assim, o autor define samba enredo como:

(...)Narração de uma história, uma sucessão de acontecimentos, desenvolvendo temas a partir de minuciosas pesquisas, adaptando-os às características da Escola, podendo ser apresentada em diferentes estilos: biografia, fatos e personalidades da história, crítica social e política, lendas e folclores, humor, etc (FARIAS, 2002, p.28).

Diniz em sua obra “Almanaque do Samba”(2006) também define a importância da origem das escolas de samba e seu legado para a sociedade:

O legado que os blocos, ranchos, cordões e sociedade deixaram para as escolas de samba é muito claro. Poderemos até dizer que as escolas de samba são uma síntese de blocos esses carnavalescos: o enredo;os grandes carros alegóricos, as alas, as instrumentações, a beleza, o mestre-sala, a porta bandeira, as mulheres bonitas. (DINIZ,2006, p.99)

Já Cattani (2008, p. 38) em seus estudos sobre o “uso do samba enredo como ferramenta pedagógica na sala de aula” ressalta que a escola de samba é “uma ação cultural que processa e organiza as relações sociais, econômicas e políticas, possibilitando uma relação da população com a cultura dita erudita em especial, através da confecção de enredos e suas conexões com os desfiles”.

Deste modo, a professora e pesquisadora inicialmente abordou em suas aulas o conteúdo curricular relativo às “culturas indígenas, no escopo da Lei 11.645, que introduz a obrigatoriedade do estudo destas culturas no âmbito de todo o currículo escolar”.Este trabalho foi realizado utilizando temas geradores para a abordagem dois sambas concorrentes ao ano de 2017 das escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro: Beija Flor e Imperatriz Leopoldinense.

A Escola de Samba “Beija Flor” exaltava em seu enredo, a epopeia de “Iracema” baseada no romance de José de Alencar. Tinha como pano de fundo, a história romantizada entre um homem branco e uma mulher indígena descrita com padrões estéticos admiráveis, naturalizando as relações de assédio aos corpos indígenas no período da colonização. Assim, este samba enredo¹⁰ centralizava na sua temática a visão positiva da “miscigenação” entre homens brancos e mulheres indígenas no romance de Iracema, enfatizando em sua canção o seguinte trecho:

*“Bem no coração dessa nova terra
A menina moça e o homem de guerra
Ele sente a fecha, ela acerta o alvo
Índia na floresta, branco apaixonado
Vem pra minha aldeia Beija Flor”*

Em contraponto a esta visão pacificadora do processo de colonização no Brasil e interferência do homem branco na formação da nossa identidade, o samba enredo da escola Imperatriz Leopoldinense, composto por Moisés Santiago, Adriano Ganso, Jorge do Finge e Aldir Senna, denunciava a exploração da lógica do capital no bioma brasileiro. O enredo mencionava a ação da hidrelétrica de Belo Monte e das empresas multinacionais operando no projeto de dizimação dos povos indígenas e destruição do planeta frente a ganância humana. Vejamos trechos críticos da canção:

*“Sangra o coração do meu Brasil
O belo monstro rouba as terras dos seus filhos
Devora as matas e seca os rios
Tanta riqueza que a cobiça destruiu
Sou filho esquecido no mundo
minha cor é vermelha de dor
O meu canto é bravo e forte
Mas é hino de paz e amor”*

Ao abordar este samba enredo com um cunho político tão engajado, tal dinâmica não só suscitou uma grande problematização em sala de aula como também estimulou os estudantes a

10 Compositores do samba enredo: Claudemir, Maurício, Ronaldo Barcellos, Bruno Ribas, Fabio Alemão, Wilson Tatá, Alan Vinícius e Betinho Santos.

conhecerem outros sambas enredos que despertassem criticidade, dialogando com suas famílias sobre a história das escolas de samba e estas temáticas em questão.

Após o intenso trabalho realizado referente à temática “cultura indígena” em sala de aula, iniciou-se a abordagem sobre o “processo de escravidão no período colonial” com esta turma.

Novamente, a professora utilizou dois sambas enredos para a contextualização do debate, porém neste momento, as canções apresentavam temáticas de caráter crítico que não se antagonizavam na forma de abordar este período histórico. As duas composições escolhidas eram oriundas da disputa do Desfile de Carnaval Especial de 1988. No ano em questão, centenário da abolição da escravidão no Brasil, várias Escolas de Samba apresentaram desfiles dedicados a essa temática.

Um dos sambas épicos que se destacou era intitulado: “Cem Anos de Liberdade - Realidade ou ilusão?” apresentado pela Estação Primeira de Mangueira e composto por Hélio Turco, Alvinho e Jurandir, tinha como verso central da canção o questionamento social: “Será, que a lei Áurea tão sonhada, há tanto tempo assinada, não foi o fim da escravidão?”. Deste modo, a obra nos incita a reflexão de que a história da escravidão no Brasil deixou marcas profundas, alijando, desempregando e abandonando pessoas negras. Vejamos alguns trechos:

“Será

Que já raiou a liberdade

Ou se foi tudo ilusão

Será ô, será

Que a Lei Áurea tão sonhada

Há tanto tempo assinada

Não foi o fim da escravidão?

Hoje dentro da realidade

Onde está a liberdade?

Onde está que ninguém viu?”

Outro samba enredo marcante neste mesmo ano para a história do Carnaval foi “Kizomba”, da Unidos de Vila Isabel, de autoria dos compositores Luiz Carlos da Vila, Rodolpho e Jonas, abordava a ideia de uma grande festa da “raça negra”, elucidando a representação da resistência negra contra o preconceito racial. A canção descreveu a “Kizomba” como “nossa constituição”, abordando a confraternização das tradições negras enquanto princípio de igualdade. A exaltação dos elementos da cultura afro brasileira está enfatizada no seguinte trecho:

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90839

“Esta Kizomba é nossa Constituição

Que magia

Reza, ajeum e orixás

Tem a força da cultura

Tem a arte e a bravura

E um bom jogo de cintura

Faz valer seus ideais “

Estes dois sambas enredos com a temática sobre os “100 anos da Abolição” foram contextualizados pedagogicamente em sentidos de crítica social, porém com objetivos pedagógicos direcionados a diferentes debates. O samba da Mangueira tinha como centralidade a denúncia da “falsa abolição” e a continuidade de uma escravidão velada na sociedade ao se referir as condições desiguais da população negra mesmo naquela época. Já o samba de Vila Isabel aborda a posituação da simbologia da cultura afro-brasileira e o negro enquanto protagonista da identidade nacional brasileira.

Após este intenso trabalho em sala de aula, os estudantes demandaram um momento educativo propício para apresentarem as músicas de samba enredo cantando e tocando instrumentos musicais, o que veio a originar o projeto intitulado “Roda de Samba Pedagógica”. Neste mesmo contexto, havia na sala de aula alguns estudantes que já possuíam familiaridade técnica com instrumentos musicais característicos do gênero musical como caixa, tamborim e cavaquinho. Cattani (2008, p. 39) em suas formulações enfatiza que ao utilizarmos o samba enredo em sala de aula seja assistindo desfiles de escola de samba, tocando ou cantando com os alunos, tornamos os conteúdos históricos mais compreensíveis para os alunos ao invés da tradicional abordagem do conteúdo do livro didático.

Desta forma, o contato com a musicalização promove em sentido amplo o desenvolvimento físico, intelectual e afetivo dos estudantes com deficiência visual. Atividades musicais despertam consciências perceptivas, ampliando os limites físicos e mentais no processo educativo. O desenvolvimento motor e a consciência auditiva através do contato com a musicalização tende a promover melhor rendimento no processo de ensino aprendizagem.

Vale lembrar que esta instituição especializada é composta por uma equipe docente da disciplina de “Música” muito engajada em projetos inovadores dentro da escola. Estes atores vieram a se aproximar do projeto posteriormente após sua primeira culminância. Este fator foi fundamental para a garantia da mobilização e empenho da turma com o projeto de roda de samba

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90839

pedagógica. Além disso, estudantes com deficiência visual possuem uma sensibilidade auditiva aguçada para a música ao perceberem estes estímulos pedagógicos.

Segundo pesquisas da Universidade de Washigton (2019), os resultados mostraram que pessoas que não conseguem enxergar, geralmente podem interpretar as frequências sonoras como mais facilidade. Isso porque o córtex auditivo dos indivíduos com deficiência visual apresenta uma “sintonização” neural mais estreita. Esta característica ajuda a discernir pequenas diferenças na frequência sonora.

A construção pedagógica e desdobramento no currículo letivo da “Roda de samba pedagógica” se basearam também na Lei 10.639(2003) e 11.645 (2008) pertencentes à Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996. Neste sentido, tais projetos se estruturaram na garantia do ensino sobre a história das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas no currículo da sala de aula.

A dinâmica do evento da primeira roda de samba pedagógica organizada pela professora e pesquisadora da seguinte forma: a) a professora apresentava os temas trabalhados em sala de aula (no caso, os dois últimos samba enredos trabalhados da Mangueira e de Vila Isabel do ano de 1988); b) a professora interpelava os estudantes pedagogicamente com questões avaliativas sobre o assunto pedagógico do samba enredo c) quatro pesquisadores/ pesquisadoras convidados interligados à temática comentavam sobre o assunto durante um tempo numa espécie de bancada d) Os samba enredos eram executados musicalmente e cantados pelos estudantes com instrumentos musicais para toda a comunidade escolar.

Figura 2: Culminância do evento da roda de samba



Fonte: Arquivo pessoal da professora pesquisadora

O elemento central deste formato seria o trabalho pedagógico com as músicas e a interação de pesquisadores da temática de samba com os estudantes DV. Posteriormente, este projeto em específico da roda de samba pedagógica foi laureado na ALERJ (Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro) com o "Prêmio Paulo Freire, iniciativa aprovada pelos deputados do Estado do Rio de Janeiro.

Durante a realização do projeto (anos de 2018 e 2019), as emissoras "TV Futura" e extinta "TV Escola" entraram em contato com a professora para realizar entrevistas televisionadas devido certa visibilidade deste projeto de cunho inédito num espaço de Educação Especial.

Figura 3: Participação da professora pesquisadora no Programa da TV Futura



Fonte: Arquivo pessoal da professora pesquisadora

Nesta ocasião da foto acima, a professora pesquisadora participou do Programa "Conexão" da TV Futura, sendo entrevistada pela apresentadora, que por sua vez, lhe indagou sobre a origem do projeto "Roda de samba pedagógica" no Instituto Benjamin Constant. Neste momento, a professora pôde referenciar em entrevista, as inspirações pedagógicas para a constituição desta metodologia numa instituição especializada em deficiência visual e os principais atores sociais envolvidos no projeto.

Conclusão

Esta pesquisa buscou iluminar vivências pedagógicas de uma professora de uma instituição especializada em deficiência visual buscando construir um letramento racial a partir de duas metodologias pedagógicas.

O formato de rodas num espaço educativo evoca a filosofia africana “Ubuntu”, numa construção mútua, comunitária e solidária do processo de ensino aprendizagem, subvertendo a lógica cartesiana e meritocrática do espaço escolar. A perspectiva de existência de um indivíduo precedindo a existência de todos num conhecimento em roda possibilita a construção de um ambiente de escola democrática e cidadã.

Embora a deficiência visual se apresente como uma barreira física impeditiva para estes estudantes no sentido de acesso à informação e autoconhecimento das subjetividades, o estudo evidenciou entusiasmo pedagógico e motivação na participação das rodas e abordagem de assuntos referentes às relações étnico raciais.

Temáticas sensíveis como autodeclaração racial e “racismo cotidiano” provocaram silenciamento em grupos de estudantes majoritariamente negros. Neste sentido, é importante ressaltar a negatização das pautas relativas a negritude seja no contexto da sociedade brasileira ou no bojo do currículo escolar, invisibilizando –se assim a Lei 10.639(2003).

A “roda de samba pedagógica”, construção didática reivindicada pelos próprios/ próprias estudantes com deficiência visual em sala de aula mobilizou um sentimento de um pertencimento e afirmação da cultura afro-brasileira no coletivo destes estudantes. O estudo também reconheceu a extrema relevância da utilização dos sambas enredos como ferramenta pedagógica no processo de ensino aprendizagem e uma identificação significativa dos estudantes com as letras das composições.

Por fim, é tarefa fundamental no ofício docente de cada professor-pesquisador, suscitar práticas antirracistas em sala de aula, contrapondo-se a um currículo colonizador e dissonantes às questões relativas a uma escola voltada para a diversidade. O envolvimento de uma comunidade escolar composta por estudantes e pessoas com deficiência visual em assuntos referentes às relações étnico raciais se traduz numa ação interseccional cidadã e democrática na educação brasileira.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90839

Referências

ALBERTI, Verena PEREIRA, Amilcar Araujo. Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro : Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988

BRASIL. Lei 4024, 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

_____. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: MEC, 2003

_____. Lei 11. 645, 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena

BRASIL. Lei nº 13.646,6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com deficiência). Diário Oficial da União, 2015. Brasília, DF, n.34, p.1.

_____. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 5.692, de 11 de agosto de 1971. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

_____. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva. Brasília: Ministério da Educação. Janeiro, 2008

_____. Ministério da Educação. Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90839

_____, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 04, de 2 de outubro de 2009. Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

CATTANI, A. O uso do samba de enredo como ferramenta auxiliar no ensino de história: o carnaval do ano 2000; 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p.62. 2008

CRENSHAW, Kimberlé. (2002). Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. Estudos feministas, ano 10, nº1/ 2002 p. 171-188.

CUNHA JUNIOR, H. Ntu. Revista Espaço Acadêmico, v. 9, n.108, maio, 2010.

DOMINGUES, Celma dos Anjos. A educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar; os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial: Fortaleza UFC, 2010.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e Letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. Revista da ABPN, v. 6, n. 14, p. 236-263, jul./out. 2014.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. Revista de Filosofia: Aurora, v. 33, p. 435-454, 2021.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

LAPLANE, Adriana, Lia Friszman de; BATISTA, Cecília Guarneiri. Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola. Cadernos Cedes, Campinas, v. 28, n. 75, p. 209-227, maio/ago. 2008.

MARIANO, André Luiz Sena. Currículos outros para a formação docente: discutindo princípios decoloniais e interculturais. Revista Brasileira de Educação. v. 29, 2024.

MONTE, F R.F, de; SANTOS, I B. (Org) Saberes e práticas de inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência visual. Brasília. MEC

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90839

NOGUERA, R. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. Revista da ABPN, v. 3, n. 6, p. 147-150, fev., 2012.

PINHEIRO, Barbara. Como ser um educador antirracista? São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PLETSCH, M. D.O que há de especial na educação especial brasileira? Momento: Diálogos em Educação, v. 29, n.1, p.57-70, 2020

SOUSA, Neuza S. Tornar-se Negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Sites

Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>>. Acesso em 2 de maio de 2024.

Pesquisa revela porque audição de deficientes visuais é tão precisa. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/04/pesquisa-revela-porque-audicao-de-deficientes-visuais-e-tao-precisa.html>. Acesso em 2 de maio de 2024

INTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br> Acesso em: 5 de novembro de 2024

Outras fontes:

ALEMÃO, Fábio, BARCELLOS, Ronaldo. CLAUDEMIR, MAURIÇÃO, RIBAS, Bruno, SANTOS, Betinho, TATÁ, Wilson, VINICIUS, Alan. A Virgem do lábios de Mel, Iracema. CD Samba de Enredo das Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro. Gravadoras Universal Music e Escolas de Samba. Rio de Janeiro, 2017

ALVINHO, JURANDIR E TUCO, Hélio. Cem anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão. LP Samba de Enredo das Escolas de Samba do Grupo 1A Carnaval 88. Gravadora RCA Victor. Rio de Janeiro, 1987.

FINGE, Jorge do, GANSO, Adriano, SANTIAGO, Moisés, SENNA, Aldir. Xingu, o clamor que vem da Floresta. CD Samba de Enredo das Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro. Gravadoras Universal Music e Escolas de Samba. Rio de Janeiro, 2017

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90839

JONAS, RODOLPHO e VILA, Luiz Carlos de. Kizomba, a festa da raça. LP Samba de Enredo das Escolas de Samba do Grupo 1A Carnaval 88. Gravadora RCA Victor. Rio de Janeiro, 1987.

Recebido em 30 de março de 2025

Aceito em 04 de outubro de 2025



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.